# BOM DIA FURG 12.08.1991

Rio Grande, 12 de agosto de 1991. Neste programa, professor César Augusto Martins fala sobre o seminário A Questão da Terra no Brasil. Professor Cláudio Nunes fala sobre a terceira reunião do Conselho Regional de Desenvolvimento da Zona Sul.

Ainda entrevistas com a professora Silvia Maria Souza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o oceanólogo Sérgio Piedras da Universidade Católica de Pelotas. Bom dia, FURG, produção do Departamento de Jornalismo da Rádio Universidade FM de segunda-sexta, 7h35, reapresentação 11h30. Programa número 99 está entrando no ar.

Estamos transmitindo este programa no mês do 22º aniversário da Universidade do Rio Grande. A nossa primeira notícia, o Instituto de Estudos Jurídicos da FURG, em conjunto com a subsecção da OAB do Rio Grande, estará promovendo, de 13 a 16 de agosto, a décima semana de estudos jurídicos. As palestras serão franqueadas ao público em geral e os interessados em obter o certificado de participação deverão se inscrever na Secretaria do Departamento de Ciências Jurídicas no turno da manhã ou à noite, no campus Carreiros.

Os participantes que se inscreverem e obtiverem, no mínimo, 75% de presença, receberão certificados de frequência. A décima semana de estudos jurídicos da FURG será realizada no anfiteatro da FURG Campo Cidade. Vamos agora conversar com o professor Cláudio Omar Nunes, assessor do Sr. Reitor, professor Orlando Macedo Fernandes, ele que é responsável, na Universidade, pela estrutura do terceiro, ou melhor, do Conselho Regional de Desenvolvimento à Zona Sul, que teve a sua terceira reunião realizada, na última quinta-feira, às 17 horas e 30 minutos.

Professor Cláudio Nunes, bom dia. Bom dia, Oliveira. Bom dia, ouvintes da Rádio da Universidade.

Realmente, na última quinta-feira, realizamos a nossa terceira reunião, que busca promover uma maior integração entre a Universidade do Rio Grande e a comunidade riograndina, e também com a comunidade regional. Nesse sentido, essa reunião foi muito importante, porque, ao nosso ver, ela marcou a consolidação dessa primeira etapa, desta iniciativa tomada pela Universidade, no sentido de promover, de desencadear esse processo de integração, catalizando todo esse sentimento que, de um tempo para cá, estamos vivendo aqui em Rio Grande, de resgate do nosso sentimento em relação à nossa comunidade, sentimento de pertencimento à nossa comunidade. Bem, num primeiro momento, durante a reunião, fizemos o relato dos contatos feitos pela Reitoria da Universidade, em nível regional, visando promover as ações necessárias à Constituição do Conselho Regional de Desenvolvimento.

Nesse sentido, o Reitor, e também esse que vos fala, estivemos nos municípios do Cristal, de São Lourenço, de São José do Norte, de Santa Vitória do Palmar, além de também termos

realizado uma visita ao município de Juiz, onde reunimos com as lideranças daquela região, oportunidade em que discutimos a questão da consolidação do porto do Rio Grande como o porto marítimo do estado do Rio Grande do Sul. E mais ainda do que isso, segundo a nossa avaliação, como o porto privilegiado para a consolidação do projeto de integração econômica nessa região do continente, o projeto Mercosul. Mas, quantas entidades participaram na terça-feira da reunião? Bem, para nossa satisfação, foi maior ainda o comparecimento de entidades a essa reunião, e nós tivemos a presença, então, de 25 entidades nessa oportunidade.

Antes, 17 vinham participando, não? Exatamente. Aumentou o interesse da comunidade, isso é muito bom? Aumentou, e nós queremos registrar que muitas entidades, devido à multiplicidade de ações que todas as entidades vêm desenvolvendo no município do Rio Grande, muitas entidades não conseguiram se fazer presentes, mas certamente todas elas estão integradas também a esse trabalho, que é muito forte, de retomada do nosso desenvolvimento. Na quinta-feira, eu havia dito terça, na quinta-feira, às 17h30, foi promovida a discussão da proposta da Universidade de lançamento do Fórum Unitário Rio Grande 2000? Na verdade, nós procuramos explicitar um pouco melhor essa proposta, mas ainda não a temos completamente definida.

Por consenso dos presentes, na prática, as entidades que já vêm se reunindo neste trabalho, aí incluída a Universidade, por consequência, essas entidades já se assumem enquanto o espaço privilegiado para a discussão das grandes questões que interessam a comunidade do Rio Grande. Nesse sentido, de certa maneira, o Fórum Unitário Rio Grande 2000, ou outro nome que eventualmente venha a assumir, está com naturalidade se constituindo dentro de um processo claramente participativo em que todas as entidades terão a oportunidade de se posicionar com relação a essa proposta, inclusive a Universidade. Por consequência, nós ainda não temos a pretensão de afirmar que está constituído o Fórum Unitário Rio Grande 2000.

Preferimos dizer que está em construção esse Fórum, e está no bom caminho. As entidades têm compreendido com bastante clareza o espírito do que se está propondo, até porque, em verdade, esse espírito já vem se formando de um tempo para cá com feitos muito importantes para a consolidação do nosso município, para a consolidação de um processo de desenvolvimento sustentado em nosso município e na nossa região. Colocando o Rio Grande num lugar que lhe merece, e, por consequência, contribuindo com muita força para que o nosso Estado venha a inserir-se numa posição privilegiada dentro desse processo de estudo e integração de mercados.

Uma última consideração, professor Cláudio Amar Nunes. O senhor falou de que 25 entidades participaram da reunião da quinta-feira. A mobilização Rio-Grandina é a mesma de outros municípios? Os municípios estão acompanhando também esta mobilização ou não? Certamente.

Naqueles municípios em que a nossa Universidade tem comparecido, a mobilização também é muito forte e isso nos deixa muito sensibilizados. Temos procurado manter um contato com as universidades de Pelotas para acompanharmos o que também está sendo feito na região como

um todo e, certamente, poderemos fazer uma avaliação a respeito disso na próxima semana, avaliação essa que teremos prazer em compartilhar com os ouvintes da Rádio Universidade. Entretanto, gostaríamos, Oliveira, de fazer um registro, reafirmar mais uma vez que o processo de criação do Conselho Regional de Desenvolvimento é um processo que se insere dentro de um outro muito maior, que é aquele que já de um tempo para cá vem se manifestando na nossa comunidade, de retomada do nosso desenvolvimento, de que a comunidade Rio-Grandina venha recuperar para si o papel histórico que sempre teve nesse Estado.

Então, nesse sentido, a Universidade tem plena clareza de que a Constituição do CRD é apenas uma etapa. Professor Cláudio Nunes, muito obrigado, bom dia. Obrigado, Oliveira.

Obrigado aos ouvintes. Programa Bom Dia FURG estamos transmitindo no mês do 22º aniversário da Universidade do Rio Grande. Seminário sobre a questão da terra no Brasil.

Dias 14 e 15 de agosto. É mais uma atividade promovida pela Superintendência de Extensão da Universidade pelo Comitê de Solidariedade ao Movimento do Sem Terra de Rio Grande, Rio Grande do Sul. Ocorrerá no anfiteatro do Campo Cidade da Universidade.

Nos dias 14 e 15 haverão palestras e um dos coordenadores deste seminário é o professor César Augusto Martins do Departamento de Geosciências da Universidade. Ele está aqui e vai detalhar um pouco mais sobre o seminário sobre questão da terra no Brasil. Dias 14 e 15.

Bom dia. Bom dia. A ideia básica desse seminário que a gente está organizando com o apoio da Superst, da Universidade, é tentar trazer para a cidade do Rio Grande alguns elementos para que a comunidade e o pessoal envolvido com a Universidade de modo geral tenham conhecimento de uma das questões mais graves que historicamente se coloca no Brasil, que é a problemática da questão fundiária.

Então a gente está tentando trazer nessa primeira iniciativa em conjunto com o Comitê de Solidariedade ao Movimento do Sem Terra de Rio Grande algumas pessoas que estejam diretamente envolvidas com a problemática da terra no Brasil. Então a ideia é realizar dois dias, no dia 14 e no dia 15, à noite, às 19 horas, no anfiteatro da Universidade, dois dias onde vai-se procurar discutir algumas coisas sobre a questão da terra no Brasil. Temas.

No dia 14, às 7 horas, uma palestra inicial sobre a geografia dos conflitos da terra no Brasil, que será proferida por mim e pelo meu colega de departamento, o professor Luiz Fernando Fontoura. Em seguida, a nossa palestra. Haverá uma palestra e a sessão de autógrafos com o Frei Sérgio Górgen, com o lançamento do livro Uma Foice Longe da Terra, que relata o conflito ocorrido o ano passado na Praça da Matriz, envolvendo o colono Sem Terra e a Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

E no dia 15, no mesmo horário, às 19 horas, no anfiteatro do Campus Cidade da Universidade, uma palestra sobre a questão agrária e a política agrícola no Brasil, com o professor Julio Andir

Zamberlan, que é um economista vinculado à Universidade de Cruz Alto e que há muito tempo vem estudando sobre a questão agrária no Brasil e sobre a viabilidade da pequena propriedade quando cooperativizada. Juntamente com o Sérgio Santos, que é integrante da recém-fundada Associação Nacional das Cooperativas Agrícolas, que vai dar a experiência concreta, em cima dos estudos do professor Zamberlan, a experiência concreta de cooperativas fundadas por assentados, ex-acampados que hoje são assentados, e que vêm realizando um trabalho que tem tido resultados muito positivos. Então o Sérgio Santos vai colocar para a comunidade de Rio Grande e demonstrando a viabilidade efetiva da pequena propriedade camponesa.

Professor, o município do Rio Grande realiza este seminário, será a sede deste seminário aqui na Universidade, com apoio da superintendência de extensão, mas aqui existe esse problema também? Olha, o Rio Grande tem uma peculiaridade na sua formação econômica, social e territorial, que é uma cidade que hoje está com mais de 90% da população na zona urbana e que se caracteriza fundamentalmente pela atividade industrial e pela atividade portuária. Mas uma coisa que dá para sentir em Rio Grande, apesar de não haverem grandes estudos nesse sentido, é que o Rio Grande tinha um cinturão de pequenas propriedades camponesas que produziam a maior parte ou a boa parte dos gêneros alimentícios que nós encontrávamos nos supermercados. E hoje boa parte do que nós consumimos em Rio Grande está vindo de caminhão da SEASA de São Paulo.

Cada vez mais longe. Inclusive encarecendo o custo. Então, principalmente na ilha dos marinheiros, hoje sobrou alguma coisa, principalmente no eixo Rio Grande-Cassino, de algumas propriedades que ainda se mantém na produção dos gêneros alimentícios.

O professor Cláudio Nunes falou agora há pouco sobre a iniciativa da Universidade, a mobilização da própria Universidade para organizar o Conselho Regional de Desenvolvimento. Você consegue ver desenvolvimento dessa região ou da Zona Sul sem reforma agrária? Uma coisa que a gente tem que pensar é que cada vez mais a gente tem a definição dentro do território brasileiro de áreas que se especializam na produção de determinados produtos, sejam eles industriais ou sejam eles agrícolas. É com pesar que eu vejo na região sul do Estado, por exemplo, hoje nós temos uma enorme expansão da área de produção de arroz, principalmente em direção ao chuí e também em direção a mostardas e tavares, mas essas áreas que eram de propriedades camponesas, e se sabe que 70% do que se produz de comida que vai para a mesa do brasileiro, hoje no Brasil, é produzida por pequenas propriedades, elas se encontram num estado de total desassistência, inclusive num processo de reforma agrária de cabeça para baixo, na total desestruturação desse tipo de propriedade.

A ideia é a gente tentar trazer para cá, para Rio Grande, um primeiro momento de discussão sobre essa questão. É uma questão bastante ampla, a ideia é que a gente não colocou nenhum título de primeiro, mas talvez ano que vem tenha o segundo, depois o terceiro e o quarto e a gente tentar trazer essas coisas, porque realmente é difícil se falar, eu lembro de uma reportagem feita por um jornal inglês no final da década de 80 e 89, que ele dizia o seguinte, que

as duas piores reformas agrárias no mundo inteiro eram a brasileira e a guatemalteca, todos os outros países que atingiram hoje um estágio de desenvolvimento, já que se quer a modernidade, necessariamente fundamentado na produção de alimentos para sua própria população, e a gente vê no Brasil justamente o contrário. Professor César Augusto Martins, e o público, como deve fazer para participar? Bom, em se tratando de um seminário que vai levantar apenas algumas questões básicas, o objetivo é atingir o maior número de pessoas, não só aquelas vinculadas à universidade, mas todas as pessoas que se sintam interessadas por esse tipo de questão, é só comparecer no oficiato da universidade, dia 14 e dia 15, às 19 horas, e debater juntamente com as pessoas que nós convidamos.

Entrada franca, tranquilo, é só chegar lá, sentar, assistir e debater, se quiser trocar algum tipo de ideia também, será possível. Estamos apresentando Bom Dia FURG, produção do Departamento de Jornalismo da Rádio Universidade FM, de segunda a sexta, 7h35, reapresentado às 11 horas e 30 minutos. Transmitindo com apoio cultural da FURG, no mês do seu vigésimo segundo aniversário.

Terminou dia 10, sábado, o segundo encontro rio-grandense de técnicos em aquicultura. Estivemos no local do evento, na Surplatte, onde entrevistamos a professora Sílvia Maria de Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que palestrou sobre o tema espécies nativas e exóticas. Professora Sílvia Maria de Souza, que tipo de trabalho a Universidade Federal do Rio Grande do Sul realiza nessa área? Bem, é uma satisfação muito grande estar neste encontro organizado pela FURG, na medida em que o início deste encontro, o primeiro encontro, foi feito em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Então, é uma satisfação grande ver que perpetuou essa semente, que se manteve viva essa ideia de nos encontrar os técnicos em aquicultura para debatermos a problemática da aquicultura no Estado. Bem, com relação às espécies nativas que nós falamos, nós temos trabalhado com peixes nativos, que é o caso da traíra, e peixes exóticos, que são as tilápias, peixes oriundos da África. E, com relação ao camarão, como nós estamos num perímetro estritamente de águas interiores, portanto, águas doces, nós trabalhamos com o macrobrachium rozenberg, que é um camarão de água doce conhecido largamente pela população gaúcha e pela população brasileira também, que é oriundo da Malásia, não é? E que tem sido, está com uma grande chance de se criar muito bem aqui no Estado do Rio Grande do Sul.

Dentro dessa linha, nós trabalhamos com nutrição, nutrição animal, principalmente na parte de camarão, e na parte de peixes atualmente na universidade nós estamos dando grande ênfase à parte reprodutiva, incluindo na parte genética masculinização da tilápia, no sentido de uso de hormônios masculinizantes na fase inicial da vida, tornando então toda a população machos, que não se reproduzem, evitando aquela superpopulação que a tilápia apresenta quando cultivada em machos e fêmeas. Esse é um trabalho pioneiro dentro do Brasil, na medida em que se usa hormônios na água e não na ração, e também no sentido de que não traz nenhum tipo de

problema. Por quê? Porque os hormônios que serão produzidos por esse animal revertido sexualmente, ao longo de sua vida até ao peso de abate, serão muito maiores do que aqueles em que nós estamos banhando esses animais nos seus primeiros dias de vida.

Portanto, não teria nenhum problema com relação ao consumo posterior. Isso está provado na literatura internacional e é só uma questão de raciocínio. O animal vai ao longo de sua vida até chegar ao peso do abate, produzir endogenamente mais hormônios do que se usou num banho nos primeiros horas de vida desse animal.

Ganha mais peso na maturidade? Sim, ele tem aspecto de ganho de peso porque o macho da tilápia, da Ouriocromis niloticus, que é o que nós trabalhamos, é um o macho é um exemplar, ele é maior que a fêmea, a fêmea é menor. Então, normalmente é uma exceção, porque a maioria dos peixes que se conhece, os nativos brasileiros, a fêmea é sempre maior, mas na tilápia não. Então, a masculinização exatamente no sentido não só de ganho de peso, não é só isso, mas é de impedir aquela excessiva produção de alevinos no decorrer da vida dos animais.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul promove através desse projeto repovoamento e este é um projeto social também? Não, nós não estamos trabalhando com repovoamento. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dentro do seu departamento, zootecnia, setor de aquicultura, a qual eu sou responsável, não está trabalhando com repovoamento. Nós trabalhamos, quer dizer, repovoamento de coleções de águas públicas, de lagoas, não, nem de rios, não é esse o nosso trabalho.

O nosso trabalho está certamente voltado à produção animal no sentido zootécnico, no sentido de produção de proteína, portanto, em ambientes controlados pelo homem, sejam eles tanques ou açudes, exato, tanques ou açudes, exato, mas nós estamos a nível de laboratório ainda, nós não estamos ainda, como é um setor novo na Universidade, ele tem apenas nove anos, então ele não está ainda distribuindo nem vendendo alevinos ou pós-larvas de forma alguma, nós estamos a nível de estudos de produção. O que nós fizemos no aspecto social, são cursos que acabamos agora uma semana passada abertos ao público em geral, curso de cinco dias de duração, não é, Ara, ensinando aspectos técnicos da psicultura e da carcinocultura para produtor, isso sim, mas povoamento no aspecto assim, não estamos fazendo por ora. Esta é a professora Silvia Maria de Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que palestrou sobre espécies nativas e exóticas.

Debatedores sobre esta palestra, professor Deodoro Brandão, da Universidade Federal de Santa Maria, e oceanólogo Sérgio Piedras, da Universidade Católica de Pelotas, com quem vamos conversar a partir deste momento, ele é o chefe da estação de psicultura da Universidade Católica de Pelotas. Bem, a estação de psicultura de Pelotas, ela funciona desde 1978, e tem como objetivos principais o desenvolvimento da aquicultura na região. Dirigida basicamente para duas propostas.

Uma que seria o de reporvamento das lagoas costeiras da nossa região, principalmente Lagoa Mirim, Lagoa Mangueira, e um segundo trabalho é dirigido aos produtores do interior do estado, onde a psicultura tem um interesse muito grande. Está sendo desenvolvida já de uma forma comercial, e a demanda é bastante grande. A exemplo de Rio Grande, o projeto da Psicultura da Universidade Católica de Pelotas também é um projeto social? Exatamente.

Principalmente na questão do reporvamento, já que a nossa preocupação principal neste momento é a questão da Lagoa Mirim, onde a pesca hoje está reduzida a 50% do que produzia há 10 anos atrás, isso tem tornado a situação do pescador daquela região, tem levado esse pescador a uma situação de miséria. Então nós estamos estudando propostas que já estão sendo negociadas através da comissão da Lagoa Mirim, que é uma comissão binacional, Brasil-Uruguai, para que nós possamos implantar definitivamente um projeto de reporvamento desta lagoa, pois as universidades da região, tanto a de Pelotas como a própria FURG, já tem tecnologias suficientemente desenvolvidas para que isso possa se tornar uma realidade. Oceanólogo Sérgio Pedras, a EMA, a Estação Marinha de Aquacultura da FURG, está com um projeto para repovoar parte da Lagoa dos Patos com alevinos de peixe-rei e tainhas e larvas de camarão-rosa.

Quais as espécies alvos do projeto da Universidade Católica de Pelotas? Traíra, jundiá, peixe-rei e mais recentemente a loricária, a viola. Além destas, no caso da aquacultura desenvolvida no interior do estado, em açudes ou tanques de cultivo, busca-se então trabalhar-se com espécies exóticas, que seriam as carpas, catfish e outros. Os estoques da Lagoa Mirim já diminuíram muito.

O senhor falou de que já não é a mesma produção de 10 anos atrás. É possível recuperar a produção de peixes da Lagoa Mirim? Sem dúvida nenhuma. Quando eu me referi a que a produção hoje é muito pequena, eu estava querendo dizer o seguinte.

Em 1975, a produção da Lagoa Mirim chegou a 1.600 toneladas ano. Neste momento, ela não passa de 800 toneladas, ou seja, uma redução de 50%. O mínimo que nós esperamos conseguir é obter aquela mesma produção de 1975, de 1.600 toneladas.

Como ela produzia naquela época, certamente ela poderá voltar a produzir. Além disto, a partir daí, então, buscar-se um aumento nesta produção, paulatinamente. É bom lembrar que a Universidade do Rio Grande está integrada neste projeto de repovoamento da Lagoa Mirim, através do projeto Lagoa Mirim.

É um projeto amplo. A professora responsável por este projeto é a professora Maria Elizabeth Tussahy, chefe do Departamento de Geosciências, que esteve na semana passada acompanhando o senhor reitor, o professor Orlando Macedo Fernandes, a Montevideo, no Uruguai, mantendo contatos com a Universidade de Montevideo, com o governo uruguaio, para implementar o projeto Lagoa Mirim. É um projeto binacional.